



EDIÇÃO 115 | ABRIL DE 2016 – perfil

O MAQUIAVEL DE MARYLAND

Estrategista militar e conselheiro de presidentes, Edward Luttwak se divide entre o estudo dos clássicos e a criação de gado

THOMAS MEANEY

As pessoas procuram Edward Luttwak para lhe pedir coisas incomuns. O primeiro-ministro do Cazaquistão quer encontrar um jeito de remover os russos de uma cidade fronteiriça do norte do país; um importante governo asiático quer um plano de treinamento para seu novo serviço de inteligência; uma indústria química italiana quer ajuda para resolver uma ação que uma comunidade lhe moveu devido aos efeitos do amianto; um grupo de cidadãos em Tonga quer afastar de suas águas caçadores japoneses de golfinhos; a *London Review of Books* quer uma matéria sobre o genocídio na Armênia; uma mulher em Washington briga na Justiça pela guarda dos filhos – será que Luttwak poderia “persuadir” o marido dela? É tudo isso apenas nos últimos doze meses.

Luttwak, que se autoproclama um “grande estrategista”, acredita ganhar a vida corretamente, semeando suas ideias ao redor do mundo. Para ele, os princípios balizadores do mercado são contrários àquilo que chama “a lógica da estratégia”, que em geral implica tomar a atitude menos eficaz possível, a fim de confundir o inimigo e, assim, obter vantagem sobre ele. Se seus tanques têm a escolha de avançar por uma boa autoestrada ou por um atalho ruim, vá pelo atalho, diz Luttwak. Se puder dividir seus esquadrões de caças em dois porta-aviões, em vez de reuni-los num só, desperdice combustível e embarque-os separadamente. E se dois de seus inimigos estão se digladiando na Síria, sente-se e faça um brinde à boa sorte.

Luttwak crê que a lógica da estratégia contém verdades aplicáveis a todas as épocas e lugares. Seus livros e artigos possuem fãs ardorosos entre acadêmicos, jornalistas, homens de negócios, militares de alta patente e primeiros-ministros. *Estratégia: A Lógica da Guerra e da Paz*, de 1987, integra a bibliografia básica tanto de universidades como de academias militares. Seu trabalho como consultor – tanto a atividade oficial como a paralela – para o governo dos Estados Unidos já foi louvado por generais e secretários de Estado. Ele é figura conhecida nos ministérios, nas páginas dos principais periódicos e na tevê italiana.

Mas sua obra não se compara à de um teórico sentado numa cadeira de balanço. Os leitores que se deleitam com suas provocações contrárias a qualquer intuição, publicadas nas páginas do *New York Times*, talvez se surpreendam ao saber que Luttwak está pensando em registrar em livro sua atividade extracurricular. Ao longo dos últimos trinta anos, ele tem estado à frente de sua própria empresa de consultoria estratégica – uma espécie de firma de segurança composta de um homem só –, oferecendo “soluções” sob medida para problemas os mais complicados. Em sua longa carreira, Luttwak já prestou auxílio ao presidente mexicano para se livrar de uma gangue de rua que incendiava ônibus de turistas em Mexicali; o Dalai Lama o consultou sobre as relações com a China; governos europeus o contrataram para extirpar agentes da Al Qaeda; e o governo americano o incumbiu de atualizar seu manual de contrainsurreição. Esses “trabalhos” rendem a Luttwak cerca de 1 milhão de dólares anuais. “É importante ser remunerado”, ele costuma insistir. “É uma proteção contra o tópico liberal das boas intenções e contra ser chamado de intrigueiro.”

É tentador vê-lo como um homem exilado no lugar e no tempo errado, cujo destino, como o de uma personagem de Nabokov, foi reduzido, decaindo do esplendor do Velho Mundo para algo menos grandioso

nos Estados Unidos do século XXI. Afinal, não é difícil imaginá-lo conspirando no Congresso de Viena ou tramando assassinatos na corte dos Medici. Luttwak lembra um conselheiro experiente do príncipe que é despachado para lidar com os mongóis e volta sozinho, a cavalo, com termos vantajosos escritos em pergaminho debaixo do braço.

Mas a carreira de Edward Luttwak só foi possível nos Estados Unidos. O reservatório sempre renovável de ingenuidade nos mais altos escalões do governo americano tem sido bom para os negócios. Durante a Guerra Fria, Luttwak foi muitas vezes identificado como um curioso espécime norte-americano conhecido como “intelectual de defesa”. Eram acadêmicos que serviam ao poder e frequentemente perdiam a paciência com os procedimentos democráticos, arrebatando públicos variados – de *think tanks* a academias militares – com seus elaborados afrescos do apocalipse nuclear projetados em slides.

Ao depor no Congresso na década de 80, Luttwak parecia ser o último herdeiro de uma linhagem de visionários soturnos – de Herman Kahn a Henry Kissinger –, todos eles convencidos dos rumos que o mundo tomava. “A maioria dos intelectuais de defesa era 75% defesa e 25% intelecto”, afirma Leon Wieseltier, o indefectível editor de Washington que conheceu Luttwak durante os anos do governo Reagan. “Mas Edward parecia uma figura saída de um filme de Werner Herzog. Não era alguém que tinha folheado Tácito e agora trabalhava no Pentágono. Conhecia todas as línguas, geografias, culturas e histórias. É o humanista mais bizarro que já encontrei.”

Fora de Washington, Luttwak é mais famoso por seus textos, com uma reputação que segue baseada num livro que escreveu em 1968, aos 26 anos: *Golpe de Estado: Um Manual Prático*. Trata-se de um pastiche zombeteiro de um manual militar, elaborado quando trabalhava como consultor de petróleo em Londres. O livro explica, em detalhes cirúrgicos, como tomar o poder em vários tipos de Estado. É acompanhado de gráficos elaborados e toda uma tipologia de comunicados oficiais vitoriosos (o “romântico/lírico”, o “messiânico”, o “despreparado”), extraídos de golpes africanos bem-sucedidos.

A obra ganhou elogios de John Le Carré e resenhas calorosas de críticos à esquerda e à direita. “Como o próprio Maquiavel, talvez ele aprecie a verdade não apenas por ser verdade, mas também porque ela choca os ingênuos”, escreveu Eric Hobsbawm. Para Luttwak, porém, a melhor crítica veio em 1972, quando o general Mohammad Oufkir foi assassinado durante uma tentativa de golpe de Estado contra o rei Hassan, no Marrocos. Para deleite do autor, correu o boato de que uma cópia de *Golpe de Estado* manchada de sangue havia sido encontrada sobre o corpo do general.

Menos do que um grandioso teórico da política, na tradição de Maquiavel ou Hobbes, Luttwak é um hábil manipulador de estratégias históricas. Às vezes, contudo, seu nome é citado ao lado de lendários estrategistas militares. “Ele é muito mais esperto que Clausewitz”, diz Merrill McPeak, ex-chefe de Estado-Maior da Força Aérea americana, que procurou Luttwak em 1990, ao planejar o bombardeio do Iraque durante a primeira Guerra do Golfo. “Seu capital consiste em saber mais do que todo mundo.” Outros são mais circunspectos. “Quando penso em Ed Luttwak”, disse Zbigniew Brzezinski, ex-assessor de Segurança Nacional de Jimmy Carter, “o que me vem à mente é um intelectual de peso, inclinado a fazer afirmações categóricas, penetrantes, mas vez por outra minadas pelo desejo de chocar os ouvintes. Ainda assim, quase sempre vale a pena ouvi-lo.”

Num mundo como o que vivemos, em que quase todo governo recorre a “consultores de estratégia”, os serviços de Luttwak só se valorizaram. A ascensão de uma cultura de governo que faz o que pode para imitar “as melhores práticas” do mundo corporativo tem sido de grande valia para seu ramo de atuação. A demanda pelo tipo peculiar de contraintuição que Luttwak oferece parece maior do que nunca. Sua figura pública provocativa só contribui para a sensação, por parte dos muitos líderes mundiais, comandantes militares e outros que compram seus serviços, de que com ele não estão lidando com um pós-graduando de administração de empresas munido de um banco de dados, e sim com algo deliciosamente mais antigo.

Luttwak transpira *savoir-faire*. Passa a imagem de um erudito em contato com um nível mais profundo e oculto da realidade. Ao ouvi-lo falar de seus clientes, tem-se a impressão de que seu trânsito de governo a governo é um estimulante prazeroso e ilícito.

Contudo, o que o torna incomum é, antes de mais nada, o fato de tantos poderosos contratarem seus serviços. O que um imigrante romeno de 73 anos, morador das cercanias de Washington, tem a oferecer que seus clientes não podem adquirir em outro lugar?

Do lado de fora de sua casa em Chevy Chase, no estado de Maryland, ergue-se uma alta estátua de metal de Claus von Stauffenberg, o homem que tentou matar Hitler, e um grande totem de madeira representando Nietzsche espiando de uma janela saliente, ao estilo vitoriano. Quando fui visitá-lo, vislumbrei através de uma janela do porão uma figura de capacete que parecia entretida com um equipamento industrial de soldagem. Era a mulher de Luttwak, a elegante Dalya, que me saudou à porta, enquanto o marido terminava de aparar os arbustos do lado de fora. “Às vezes, quando vejo um carro se aproximando devagar, eu me preocupo, sim,

imaginando se não é alguém que veio finalmente dar cabo da gente”, ela me disse. Dalya se preparava para uma exposição em Nova York, e o chão de seu estúdio de escultora estava cheio de ferramentas e das hastes de aço com as quais monta estruturas que se parecem com raízes de árvores gigantes.

Luttwak foi a Washington pela primeira vez em 1969. Depois de se formar na London School of Economics, seguiu seu colega de quarto, Richard Perle – a eminência parda neoconservadora, assessor de Ronald Reagan e George W. Bush, apelidado pela imprensa de “Príncipe das Trevas” –, e foi trabalhar num *think tank* da Guerra Fria chamado Comitê pela Manutenção de uma Política de Defesa Prudente. Presidido pelo ex-secretário de Estado Dean Acheson, o comitê se dedicava a acondicionar propostas estratégicas radicais na linguagem da segurança e da necessidade. Hoje, Luttwak acha Washington uma cidade “agradavelmente inócua”, mas detestou-a ao chegar. “Eu me lembro de ir ao restaurante favorito de Kissinger, o Sans Souci, e comer ali um prato que prisioneiros de guerra italianos teriam recusado.”

Luttwak jamais conseguiu se dobrar por completo às ortodoxias do *establishment* político da capital norte-americana. “Ele tem uma maneira tão heterodoxa de pensar, mas tão heterodoxa, que é preciso filtrar o que ele diz”, afirma Paul Wolfowitz, outro arquiteto da guerra no Iraque que também era membro do comitê de Acheson. “Se você tivesse perguntado a Edward se ele teria gostado de ser secretário de Estado, ele não teria negado”, diz Perle, “mas ele não queria ascender como burocrata. Queria acesso ao poder sem ter de galgar todos os degraus.” As relações de Luttwak com esses dois esfriaram ao longo das últimas décadas. “Em Washington, se você escreve livros, acham você um sujeito frívolo”, ele diz. “De Wolfowitz e Perle, sempre se esperaram grandes obras, mas eles nunca as escreveram. Eu, por saber das coisas, era considerado uma pessoa pouco séria.”

Hoje em dia, o escritório que Luttwak mantém em casa abriga boa parte da Loeb Classical Library, clássicos da literatura greco-latina em edição bilíngue, entremeados de capacetes, revólveres e peças perdidas de artilharia. Um agradecimento oficial por ele ter contribuído para o desenvolvimento do tanque israelense Merkava repousa sobre uma foto da filha, ex-soldado israelense, pilotando o tanque em questão. Luttwak passa boa parte do tempo diante do computador. Segue de perto as notícias e as interpreta como uma comédia em curso. À época de minha visita, os rebeldes *houthis* tinham acabado de invadir o porto de Áden, no Iêmen. “É como ver escoceses das Highlands circulando com armas por Mayfair, em Londres”, comparou.

“Sabe, nunca dei o devido crédito a George H. Bush pelo que ele fez no Oriente Médio”, diz. “Na ocasião não percebi que ele era um estrategista muito mais genial que Bismarck. Deflagrou uma guerra religiosa entre xiitas e sunitas que vai ocupar a região pelos próximos mil anos. Foi um golpe de mestre!”

Luttwak tem o queixo protuberante e o cabelo cortado rente. Está em ótima forma para um homem na casa dos 70, o que ele atribui à nova dieta sem açúcar. Tem um leve sotaque da Europa Central, que complementa com um amplo repertório de gestos que lembram os movimentos de um caranguejo em luta: as caprichosas estocadas do dedo indicador, a pinça de três dedos que parecem colher uma pitada de sal, o punho-granada que volta e meia explode à altura do peito, a fim de ressaltar um argumento.

É o tipo de homem para quem não basta simplesmente impressionar: ele quer marcar a vida do interlocutor para sempre. Ao caminharmos pela casa, ele apanhou da estante um maço de manuscritos bizantinos do século XV, aos quais dispensa o mesmo cuidado que a livros de bolso. Inquietava-se toda vez que Dalya ameaçava tomar as rédeas da conversa. “Ela teve um começo tão promissor”, comentou enquanto olhávamos as esculturas. “Quando nos conhecemos, ela era guarda penitenciária em Israel, tinha 19 anos. É a melhor motorista de jipe que já vi.” Ao lado das esculturas, havia uma enorme máquina de soldar. “É ilegal ter isso aí numa área residencial”, observou.

Entramos em seu escritório, e ele passou algum tempo absorto num vídeo do YouTube que mostrava um gauro, o maior bovino existente na face da Terra. Um jovem cineasta de Yorkshire apareceu na lateral da tela. “É um gauro selvagem indiano”, sussurrou freneticamente para a câmera. “De vez em quando, ele olha para mim... Mas, se eu chegar mais perto, ele pode se irritar de verdade, por isso vou tomar muito cuidado.”

Luttwak desferia golpes infantis na direção do monitor, emitindo o som de zombaria que é sua marca registrada – um gutural “Ah! Ah! Ah!”. Em seguida, apontou para a imagem que congelou como pano de fundo do computador de mesa: uma foto dele mesmo alimentando e acariciando um gauro enorme, no estado indiano de Nagaland. “Tenho grande interesse por bovinos”, disse com um sorriso malicioso. Voltou a digitar alguma coisa no computador, batendo firme nas teclas. Por um instante, julguei ter visto uma arma presa sob a camiseta, mas eram os suspensórios brancos que ele sempre usa. “Nasci sem bunda”, explicou, algo pesaroso.

“Avaca é a máquina mais complexa que existe”, Luttwak disse quando me encontrei com ele numa manhã de fevereiro no aeroporto de El Trompillo, em Santa Cruz de la Sierra, a maior e mais rica cidade da Bolívia. “Ela converte celulose em osso, carne e casco. Minhas vacas mais parecem gazelas. Você vai ver como elas saltam e pulam. Não somos como os fazendeiros americanos. Não damos a elas as drogas e a alfafa que as deixam doentes, só para obter carne marmorizada. E não abatemos nossas vacas cedo demais. Os indianos veneram as vacas por causa do modo como elas se reúnem à noite na beira do rio. É sem dúvida uma coisa mística,

e faz sentido venerá-las.”

Luttwak se interessou pela Bolívia pela primeira vez em 1998, quando convenceu três sócios abastados de que um tratado sul-americano de livre-comércio recém-assinado tornaria as terras bolivianas na fronteira com o Brasil tão valiosas como aquelas do vizinho mais rico. Juntos, adquiriram 19 mil hectares em Beni, um departamento situado no nordeste do país.[1] Luttwak foi adiante e comprou gado para pastar nas terras. Hoje tem 3 mil cabeças.

Um especialista capaz de explicar a um primeiro-ministro a capacidade balística de um míssil Tomahawk é uma coisa; outra, bem diferente, é um homem que também sabe debater métodos de criação de touros com vaqueiros bolivianos vestindo ponchos encauchados. A mescla de destreza erudita com virilidade é uma liga em grande demanda em muitos altos postos pelo mundo todo, nos quais a masculinidade extrema ainda é a moeda corrente. (Nos momentos que ameaçam se tornar tediosos, Luttwak tem por hábito olhar em torno, em busca de objetos letais. “Esse *hashi*, por exemplo, é perfeito”, ele observou mais tarde, num restaurante de hotel. “Mas você precisa se lembrar de enterrá-lo bem fundo no globo ocular, para que ele perfure o córtex frontal.”)

Beni é um lugar de constantes desafios, com floresta densa e planícies baixas, suscetíveis a grandes inundações. “Qualquer coisa que você faça pode ser perigosa”, Luttwak comentou enquanto esperávamos para embarcar num turboélice para um voo de uma hora rumo à capital do departamento, Trinidad, ao norte. Seria nossa primeira parada a caminho de sua fazenda. “Os homens são machos de verdade, e não aqueles machos de araque da Argentina ou do Texas. Em Beni, uma mulher espanta uma onça com uma frigideira num piscar de olhos. Um sujeito é bem capaz de mencionar que perdeu um dedo de manhã, mas tudo bem.” No departamento há também milhares de fazendeiros menonitas – descendentes de anabatistas falantes do alemão e exilados da Rússia –, que Luttwak particularmente admira pelas técnicas arcaicas de cultivo e pela coragem de pioneiros.

Em Beni, a política é dominada tanto por narcotraficantes que atuam na fronteira com o Brasil como pela nova classe empresarial urbana e os criadores de gado das planícies. Era um dos mais poderosos desses criadores, Winston Rodriguez Araya, que Luttwak deveria encontrar. No ano anterior, *don* Winston, como Luttwak o chama, havia perdido centenas de cabeças de gado nas enchentes e acertara um empréstimo do gado de Luttwak para substituir suas baixas. Todavia, surgira um mal-entendido: *don* Winston se atrasara na hora de devolver o gado emprestado. Luttwak estava, portanto, indo buscar suas vacas de volta.

Depois de pousar em Trinidad, viajamos mais seis horas em direção ao norte, nas profundezas da bacia do Amazonas, até San Joaquín, a cidade mais próxima da fazenda de Luttwak. No momento do desembarque, havia assuntos que demandavam sua atenção imediata. A notícia do atentado à redação do *Charlie Hebdo* lhe chegara quando pousamos na Bolívia, e os telejornais mais recentes que tínhamos visto mostravam cenas granuladas dos atiradores. “Usaram fuzis AK-47, que é uma arma muito difícil de conseguir em Paris”, Luttwak insistia sem parar durante a viagem, embora ele não soubesse quase nada dos ataques. “Na Polônia, você consegue fuzis AK-47 novos e completos, inclusive com aquele pequeno cantil para o óleo, por 800 dólares, mas, em Paris, é quase impossível obter uma arma dessas. Essas pessoas têm lá seus contatos.”

Luttwak queria escrever um artigo sobre o futuro dos muçulmanos na Europa. Como de costume, pretendia enfurecer os liberais com o argumento de que os líderes ocidentais, com sua “versão colegial de conto de fadas” do Islã, estavam, na verdade, traindo os esforçados pais do Oriente Médio e da África que haviam imigrado para os Estados Unidos e a Europa para salvar os filhos do islamismo. Mas não havia internet na cidade. Seguimos para o posto militar avançado da região. Luttwak entrou no quartel-general do recém-designado comandante e se apresentou. Nada de internet. O coronel explicou que, em Beni, o Exército cuidava sobretudo de proteger as pessoas das inundações. “O problema, claro, é como prever quando elas vão acontecer”, explicou o militar. “Se vocês tivessem internet”, Luttwak retrucou, “esse problema seria menor.”

O soldado no posto de controle perguntou o que eram aquelas letras brancas no boné de Luttwak. Ele estava com um boné da polícia de Nova York – NYPD –, em “solidariedade”, disse, aos policiais americanos, depois dos assassinatos de Eric Garner e Michael Brown.[2] “Eu adoraria passear por Manhattan com ele”, me disse. “A grande burrice no julgamento de Michael Brown foi terem anunciado o veredito tarde da noite, um verdadeiro convite ao tumulto. Deveriam ter anunciado na manhã seguinte, bem cedo, quando estariam mais bem preparados.”

Mais tarde naquele mesmo dia, depois de uma troca de saudações e presentes na casa de seus amigos de confiança e parceiros de negócios, Don e Donna Mandy – fazendeiros locais que moram numa casa colonial de barro vermelho, perto da praça central de San Joaquín –, Luttwak e eu nos instalamos no quarto deles, onde, no telejornal noturno boliviano, os ataques de Paris apareceram em quarto lugar, depois das notícias sobre corrupção na política local e do boletim do tempo. Abastecido de novos dados, Luttwak se retirou para a mesa de jantar e escreveu sua matéria em menos de duas horas. (Quando voltamos a nos conectar à internet, três dias depois, ele enviou o artigo, que apareceria na primeira página da edição online do *Le Monde* alguns dias mais tarde.)

Então Donna Mandy preparou o jantar, pacu com torta de milho, seguido de uma rodada de singani, a aguardente boliviana, que Luttwak mal experimentou. Sentado à mesa, examinava a bula de uns comprimidos de hormônio do crescimento que o filho de Don Mandy, Alex Martinez, pensava ministrar às duas filhas adolescentes (meninas saudáveis, mas que o pai queria que fossem mais altas). Desdobrando o papelzinho minúsculo, Luttwak rapidamente chegou a um veredito. “Alex, você não pode dar esses remédios às garotas. A chance de elas terem câncer é grande demais. Os efeitos produzidos pela proteína do crescimento são muito arriscados.” Luttwak exibia sua especialidade: a súbita recorrência à expertise, o detalhe preciso lançado na sala.

Há uma passagem no livro *The Grand Strategy of the Byzantine Empire*, de 2009, em que Luttwak exhibe essa habilidade ao extremo. Por catorze páginas, ele divaga acerca da arma utilizada em toda a Ásia Central antiga, o chamado “arco recurvo”, que, segundo ele, desvenda um dos mistérios da *Odisseia* de Homero. Quando Odisseu volta a Ítaca para exterminar os pretendentes de sua mulher, atira com um arco que nenhum deles jamais conseguira usar, aparentemente por falta de força. Luttwak o identifica como um arco recurvo, que, supõe-se, Odisseu teria trazido de suas viagens e que só ele saberia encordoar apropriadamente:

Os homens de Ítaca haviam tentado encordoar o arco usando a força bruta, curvando-o bastante para receber a corda – o que é fácil quando se têm pelo menos três mãos: duas para puxar os limbos do arco e mantê-los em posição, e uma para amarrar ou enlaçar a corda na ranhura de cada extremidade; mas é impossível fazer isso sozinho, com apenas duas mãos. Odisseu sabia encordoar arcos recurvos iguais ao seu.

Basta traduzir essa erudição do detalhamento para outras áreas – segurança nacional indiana, Força Aérea argentina, alvos iraquianos em terra – e logo se identifica a fonte do charme de um memorando de Luttwak. Tivesse ele estado presente à crucificação de Cristo, teria começado seu relato com uma nota sobre o tipo de prego utilizado. Luttwak recorre a um floreado literário em áreas aparentemente resistentes a tal recurso. Sua performance reside, em parte, na retórica: para entender a *Odisseia*, o sujeito não deve ir a museus, consultar compêndios acadêmicos ou confiar no próprio julgamento: basta recorrer a Luttwak.

Sua idiossincrática obra histórica é em geral respeitada por acadêmicos especializados. “Edward abriu um novo campo acadêmico no que diz respeito a fronteiras e fortificações romanas”, disse o eminente estudioso da Antiguidade G. W. Bowersock, referindo-se a *The Grand Strategy of the Roman Empire*, obra que ganhou vida primeiramente como dissertação de doutorado em relações internacionais, quando Luttwak estudava na Johns Hopkins. “O que faz dele um grande estudioso é o fato de seu trabalho prático e sua erudição se autoalimentarem a todo momento.”

Bowersock tem razão, mas há outro elemento. Se tem uma coisa que separa Luttwak de outros autores que se dedicam à estratégia, não é apenas a capacidade de se mover por territórios em geral desconexos, mas também o modo como ele incensa o freguês: ele é capaz de fazer um chefe de Estado se sentir um intelectual e um acadêmico se perceber como homem de ação, bem como convencer um fazendeiro boliviano de que ele está diante de um homem com contatos incrivelmente poderosos.

Luttwak escreveu outros catorze livros, sobre temas que vão de estudos do capitalismo americano ao Exército israelense. *Kazakhstan: An Alphabetic Guide*, extraído de apontamentos feitos para um recente projeto de consultoria encomendado pelo país, será publicado assim que os censores locais o liberarem. No momento, está a caminho outro livro – com o título provisório de *A Marriage of Anna Karenina and Genghis Khan* –, sobre a influência das vastas distâncias nas formas de governo russas. Luttwak talvez seja ainda mais conhecido por suas insurreições jornalísticas. Certa vez, na revista *Prospect*, escreveu que o Oriente Médio não tinha nenhuma importância estratégica e que suas “sociedades retrógradas” deveriam ser ignoradas. No *New York Times*, aconselhou que os americanos saboreassem o começo da guerra na Síria, uma vez que, nela, inimigos jurados dos Estados Unidos estavam brigando entre si.

Na manhã seguinte ao jantar na casa de Don e Donna Mandy, seguimos viagem para a fazenda dele, para examinar o gado. Vertemos sacos de sal em duas gamelas gigantes para atrair os animais. “Estes são índianos – os portugueses os trouxeram de Goa”, ele informou, enquanto as vacas se aproximavam. “Não são idiotas. Pressentem, instintivamente, que, no final das contas vão ser mortos.” Dezenas de cabeças de gado rodeavam-no agora. Luttwak estava eufórico. Acarinhava a cabeça dos animais, sussurrava em seus ouvidos, mas, com a mesma rapidez com que se alegrou, logo se aborreceu, como se ficasse decepcionado que os animais não tivessem nada a lhe dizer.

Sua lembrança mais antiga é a de quando, aos 3 anos de idade, foi carregado nos ombros por um soldado do Exército Vermelho aquartelado no casarão de seus pais, na região da Romênia conhecida como Banato. Embora estivesse próximo do epicentro da Segunda Guerra Mundial, o local nunca foi ocupado pelos alemães. Luttwak cresceu falando romeno, valáquio e francês, mas sua língua materna, como era comum entre a população judia da região, era o alemão. Dos pais, lembra-se como pessoas corajosas: “Eram daquele tipo de gente que, quando vê uma bela superfície de água, mergulha sem nem verificar a profundidade.”

Ao final da guerra, contudo, a maior ameaça aos Luttwak veio dos russos, e não dos alemães. Na condição de comerciante de sucesso, dotado de capital, o pai de Luttwak perdeu tudo o que tinha. A família embarcou para o sul em vagões da própria Luttwak & Cia. e tomou uma das últimas balsas rumo à Sicília, onde o pai ingressou no ramo da exportação de laranjas e conseguiu se safar com sucesso da máfia local.

Da Sicília, mudaram-se para Milão, onde Edward foi infeliz e se metia em brigas na escola. A infância mágica em Palermo havia sido abruptamente substituída pela adolescência numa cidade que prezava apenas e tão somente a eficiência industrial. “Não tinha onde brincar. Os parques eram uma desgraça. Perdi todos os amigos de Palermo e me vi no meio de um bando de crianças burguesas”, contou ao historiador das ideias Corey Robin. Seus pais decidiram mandá-lo ao Carmel College, um internato judeu em Oxfordshire. (Meteu-se em brigas lá também, “mas os ingleses tinham outra atitude em relação às brigas: eles não só as toleravam como respeitavam o sujeito que se desse bem”).

Em 1957, aos 15 anos, abandonou a escola e cortou temporariamente o contato com os pais. Mudou-se para Londres, onde trabalhou numa casa de chá em Piccadilly e se alistou na Honourable Artillery Company, um regimento aquartelado em Londres. Um ano depois, presenciou uma ação militar pela primeira vez. Estava nas florestas do norte de Bornéu, para onde uma pequena força britânica havia sido enviada numa operação clandestina que visava apoiar os daiaques nativos contra os comunistas chineses. Ele afirma que o mundo seria um lugar bem diferente sem a presença dele, que teria participado ativamente num grande número de eventos cruciais do pós-guerra. A começar da decisão de jogar coquetéis molotov nos tanques russos da Primavera de Praga, passando pela libertação dos reféns americanos no Irã, em 1981, até o advento do Toyota Prius, o primeiro carro híbrido, movido a gasolina e eletricidade.

Seu talento para a mitomania advém do apetite pelo detalhe, mas também aponta para algo mais. Luttwak não se cansa de polir o alcance de sua própria lenda: compete pelo interesse dos outros. Quando confrontado por alguém que ameaça criticá-lo, ele ou despeja sobre o crítico uma enormidade de detalhes técnicos, ou esmaga-o com proféticas generalidades atemporais. Resultado: ele é praticamente imbatível numa conversa. Tudo que leu ou ouviu está sempre a postos para ser sacado com rapidez.

Seus antagonismos, encantos e provocações são, além disso, um modo de se defender de seu maior medo: o tédio. Ao longo dos oito dias que passei com ele, Luttwak parecia quase sentir dor nos momentos em que nada acontecia ou o foco da conversa não era ele. Essa guerra ao tédio, no entanto, é mais que uma cruzada pessoal. Os inimigos mortais de Luttwak são os que desejam racionalizar o mundo, os que querem que exércitos, Estados e agências de inteligência funcionem como empresas. Isso o indis põe com muitos dos conservadores norte-americanos que no correr do tempo foram seus principais patrocinadores, tanto nos *think tanks* como nos serviços prestados aos militares. “Para mim, eficiência de mercado é coisa que só devemos praticar na medida exata de nossa necessidade”, Luttwak disse a Robin. “Sim, porque tudo o que valorizamos nesta vida se situa no reino da ineficiência – amor, família, vínculos, comunidade, cultura, velhos hábitos e sapatos velhos.”

Para Luttwak, o capitalismo é sinônimo do tédio da idade adulta: livros-razão, rendimentos marginais e a expectativa de que o mundo permaneça, em essência, sempre o mesmo. Como historiador da Antiguidade, está demasiado ciente da perspectiva da ruína da civilização para dar algum crédito à ideia de que o capitalismo possa conter sua própria solução. Agora que está rico, para ele, fazer dinheiro se tornou um passatempo, e criar gado é sua tentativa de fazê-lo da maneira menos monótona e mais arcaica possível. Cada vez mais, parecia que tínhamos ido ao Amazonas para dar a ele outra oportunidade de “sentir tesão”, e era evidente que eu estava ali para conhecer um refúgio ameaçado, baseado em valores como honra e ousadia, pelo qual Luttwak perambulava como um herói homérico. “Tire o maior número possível de fotos”, repetia sempre, “anote tudo.”

No terceiro dia na Amazônia, fomos buscar o gado que ele emprestara a *don* Winston. Ao longo dos muitos quilômetros de estrada até a fazenda, viam-se vestígios do império de Winston – fazendas de leite, gado, terras arrendadas. “O homem tem mais terras que a Bélgica”, disse Luttwak. Suas minuciosas descrições das antigas façanhas de *don* Winston como chefe local acabaram me infundindo certo temor. Suponho que ele tenha feito de propósito.

Vaqueiros reuniam o rebanho quando entramos na propriedade. Diante de uma mansão de gosto duvidoso, num campo de um verde brilhante rodeado por currais, *don* Winston adentrou calmamente meu campo de visão: cabelos bastos penteados para trás, o bigode obrigatório, a camisa quase toda desabotoada, ao estilo local, revelando generoso triângulo de carne curada.

As negociações de Luttwak com o proprietário começaram em torno de uma mesinha de cozinha, sobre a qual repousavam latas de Nescafé e jarras de leite de fazenda. Os dois sentaram-se frente a frente, cercados por familiares de *don* Winston. Rios de suor rapidamente encharcaram as costas de todos. As palavras iniciais foram teatral e audivelmente sussurradas com as mãos tapando a boca, como se trocassem informações secretas, mas em voz alta.

“Eduardo, precisamos de um pouco mais de tempo para o gado.”

“Quero tudo hoje.”

“Perdemos muitas cabeças com as enchentes e o frio do ano passado. No momento, podemos te dar bezerros.”

“E as vacas prenhas, não?”

“Gostaríamos de alterar o contrato novamente”, disse Pito, o filho de *don* Winston.

Luttwak manifestou seu desapontamento com uma careta, levantou-se e deixou a cozinha em direção a uma turnê pela casa. Juntos, caminhamos para a varanda, atravessando o quarto de *don* Winston. Luttwak apanhou uma fotografia da parede. Era uma velha foto de Winston andando a cavalo, com uma série de exclamações na parte de baixo: Coragem! Honra! Perseverança!

“Don Winston, esta é uma bela foto!”

“Obrigado, Eduardo!”

“Vou ter que roubar sua esposa, se você não me devolver o gado até amanhã!”, Luttwak ameaçou em tom teatral.

“Vamos tentar, Eduardo”, respondeu *don* Winston, com pesar igualmente teatral.

Era difícil dizer quanto daquela performance era só pra mim, ou por que Luttwak precisava tanto de seu gado agora e qual efeito produzira a excursão pela casa. Mas alguma coisa havia acontecido. Os dois acordaram que o gado seria devolvido dali a uma semana. Retornamos à varanda em clima menos tenso.

Havíamos chegado ao desfecho. Luttwak ameaçou de novo, de brincadeira, roubar a mulher de *don* Winston. Saímos. Do lado de fora, ele apontou para uma Mitsubishi Triton, que mencionou como prova dos avanços recentes da companhia na Bolívia. Seguiu-se uma breve discussão sobre os méritos da Triton. Todos se puseram a acariciar a caminhonete. Luttwak disse que informaria os diretores da Toyota sobre aquela inesperada ameaça a seus negócios na América do Sul.

“Não tenho grande apreço por servir a Estados”, disse dois dias mais tarde, enquanto jantávamos na praça central de Trinidad. “Prefiro povos e clãs. Mas, depois do 11 de Setembro, queria voltar a fazer alguma coisa pelos Estados Unidos.” Não teve a oportunidade. Em vez disso, contou ter recebido uma ligação de Nicolò Pollari – o ex-chefe da agência italiana de inteligência militar. “Ele me disse: ‘Edward, eu sei o que estamos fazendo, mas quero que você faça o que não estamos fazendo.’” Segundo Luttwak, o governo suíço havia ajudado a financiar uma operação de segurança italiana que visava evitar que agentes da Al Qaeda entrassem na Europa Ocidental. E os italianos queriam a ajuda dele.

Luttwak começou identificando os principais pontos de entrada da organização no continente. Então, em cada um desses locais, pôs em ação um plano cuidadosamente engendrado para cada situação. Para lidar com os agentes que chegavam à Sicília por mar, armou assembleias públicas, mas em cinemas vizinhos aos portos. Seu amigo de infância, o político Calogero Mannino, lhe apresentou dois capitães de barco, com os quais fez uma série de reuniões para lhes explicar que não estariam se metendo em nenhum tipo de encrenca se agissem conforme suas instruções – nem com a máfia nem com o governo. “Disse aos capitães que eles teriam que entregar todo mundo [*que parecesse suspeito*]. Expliquei: ‘Vocês vão saber identificar, porque serão pessoas jovens, sem nenhum problema para pagar a viagem e sem o aspecto de quem está indo para o bebeléu.’” Como parte de seu trabalho para os italianos, Luttwak também alegou ter conduzido operações em Trieste e na cidade austríaca de Klagenfurt. No porto italiano de Bari, sua ação incluiria auxiliar a polícia no combate à máfia local, responsável por facilitar a entrada de contrabandistas albaneses em jangadas que transportavam agentes da Al Qaeda.

Luttwak convocou outra velha amiga, uma estudiosa de árabe da Universidade Católica de Milão, para conduzir os interrogatórios dos suspeitos detidos. “Ela era capaz de distinguir os sotaques deles, descobrir as mentiras óbvias e determinar a origem de cada um”, disse. “Ninguém foi torturado”, ele me garantiu mais de uma vez. “Em vez disso, fazíamos discursos: ‘Vamos tirar vocês da solitária e colocá-los na prisão comum. Os prisioneiros italianos, vocês sabem, ficaram muito tocados com o 11 de Setembro. Alguns deles choraram ao ver as torres desabarem. Eles vão estuprá-los várias vezes antes de matar todos vocês.’” Luttwak diz que sua operação de inteligência obteve um sucesso estrondoso. “Os italianos são levianos em muitas coisas”, observou, “mas não quando se trata de contraterrorismo.”

Dois ou três dias mais tarde, começamos a longa viagem de volta. O voo para Santa Cruz de la Sierra foi conturbado. “O problema é que os pilotos não usam rádio para se comunicar, então você nunca sabe se um

outro avião vai bater no seu”, explicou Luttwak com um sorriso malicioso. Durante o voo, ele folheava cuidadosamente duas edições mais antigas do *Times Literary Supplement*, que carrega consigo aonde quer que vá (considera o *London Review of Books* “volumoso demais”). “Por que Warnie Lewis é ‘o irmão tão vilipendiado de C. S. Lewis?’”, ele me perguntou em meio à turbulência. “Por que ‘tão vilipendiado?’”

De Santa Cruz de la Sierra, Luttwak voaria para Zurique, onde trabalha como conselheiro da polícia e de uma empresa cujo nome não quis revelar. Na fila do passaporte, encontrei-o ao lado de um suíço do ramo do *fast-food*. “Este homem trabalha numa indústria que ainda precisa ser submetida ao Tribunal de Nuremberg”, disse Luttwak. O suíço esboçou um sorriso amarelo. “Ele é consultor de *chicken nuggets*! Se existem duas questões em que eu concorde com a turminha esquerdista, elas são: 1) O McDonald’s precisa acabar; e 2) Os cidadãos norte-americanos deveriam, todos, ser obrigados a fazer um curso de fenomenologia, para que pudessem desenvolver a disposição filosófica apropriada e necessária para compreender o mal que o *chicken nugget* personifica.” O suíço ficou nervoso, tentando calcular em que medida acabava de ser insultado.

“A maior parte das pessoas vive uma vida sem sentido”, prosseguiu Luttwak, enquanto caminhávamos rumo a seu portão de embarque. “Não são vidas desesperadas – elas têm tevê a cabo –, são vidas sem sentido mesmo. Para os políticos, ela não é sem sentido, mas sempre termina em decepção e amargura. Mas, sentido? Suas vidas não têm tanto sentido como as dos menonitas. Os fazendeiros menonitas são livres, no sentido hegeliano do termo – têm consciência da sua liberdade. E, sem querer, revelaram a fraude na agricultura americana. Não destroem a terra, não drogam os animais até matá-los – obtêm lucros estratosféricos se valendo de tecnologia do século XVIII. Pessoalmente, não posso levar esse tipo de vida, mas quero que ela floresça. Eu me sinto próximo a Odisseu, porque exijo uma vida interessante. Exijo.” E embarcou no avião.

Em abril, dois meses depois da viagem à Bolívia e à Suíça, e de um pulo na Ásia para ajudar a desenvolver uma nova agência de inteligência num país que eu deveria mencionar apenas como “país asiático”, Luttwak viajou para Nova York para dar uma mãozinha nos preparativos do vernissage de sua mulher numa galeria em Chelsea. Don Winston ainda lhe devia oito mulas, e Luttwak estava negociando com uma colônia menonita em Beni, à qual pretendia vender um bom pedaço de suas terras. Fui encontrá-lo num estúdio de tevê na West 30th Street – ele iria participar (por videoconferência) de um popular programa de debate da tevê italiana, *Servizio Pubblico*. Encontrei-o numa sala preta, sentado junto a uma mesinha, vestindo um terno cinza. Uma jovem o maquiava e um técnico lhe prendia o microfone.

O segmento de que participaria era dedicado à crise dos refugiados no Mediterrâneo. Dois dias antes, outro barco de emigrantes havia afundado na costa da Líbia, matando cerca de 800 pessoas em busca de asilo. Os participantes do programa comentavam que aquela tragédia era terrível, a Itália precisaria atuar mais. As sobranceiras de Luttwak se arquearam num apelo mudo, como que pedindo que, por favor, parassem com aquela absurda conversinha benevolente. “É isso que torna a esquerda italiana tão vulnerável”, ele disse no estúdio, num intervalo. “Esquerdistas ingleses ou franceses chegariam aqui com argumentos e críticas já preparadas. Mas, na Itália, todo mundo só quer ser considerado *buonista* – moralmente puro –, o que torna muito fácil esmagá-los. Já disse que os italianos precisam destruir os barcos na costa da Líbia, antes que as pessoas embarquem. Basta pôr minas magnéticas nos cascos. O governo Renzi está levando adiante minha ideia.”

Depois, enquanto caminhávamos para o vernissage de Dalya, perguntei-lhe de novo por que ele se interessava por estratégia. “Você parece entediado com isso”, eu disse. “Não é cansativo passar o dia solapando o senso comum?”

“Não”, ele respondeu. “Estratégia tem a ver com procurar pontos de inflexão. A política é previsível demais. Veja Hillary. É uma carapaça vazia com muita ambição tilintando lá dentro. Pode-se prever tudo que ela faz. Estratégia tem a ver com o imprevisível.”

“Mas essa imprevisibilidade não se torna previsível?”, perguntei. “O que aconteceria se todos os exércitos do mundo se pautassem pela lógica da estratégia?”

“Eles nunca vão fazer isso”, Luttwak retrucou, “porque a maior parte das pessoas é incapaz de controlar as próprias emoções. E, acima de tudo, estratégia tem a ver com controlar as próprias emoções.” E as emoções dos outros, ele poderia ter acrescentado. A despeito de todo esse comprometimento com o concreto, Luttwak vende algo extremamente abstrato: uma forma de autorrealização que dá a seus clientes a sensação fugaz de que eles, e as agências que comandam, atingiram o controle não apenas de suas próprias emoções, mas também das vicissitudes de seu momento histórico. Como um psicanalista que identifica padrões significativos na conversa à toa de seus pacientes, Luttwak vê oportunidades cintilantes para o controle estratégico nos mais maçantes relatórios e documentos burocráticos.

Durante o tempo em que passamos juntos, ficou claro que ele não só personificava suas próprias ideias como as exagerava também. Suas provocações e armadilhas factuais eram a teia de aranha com que envolvia seus interlocutores desamparados. Mas mesmo os exageros – as “afirmações categóricas” que incomodam tanto os intelectuais – continham algo além de valor estratégico: eles passavam a sensação de que Luttwak era mais ousado que seus próprios exageros; de que os outros trocaram excitação por poder, de que trocaram o facão

pela escrivãzinha, ao passo que ele manteve os dois, mas num mundo que não parece tolerar pessoas assim, e muito menos permitir que enriqueçam.

Estávamos quase chegando à galeria de arte. Ele parou para amarrar o cadarço de seu tênis preto. “Se eu estivesse começando agora, seria um biólogo”, disse. “Estudaria as bactérias. A cada segundo uma *Ilíada* se desenrola em nossos intestinos. As variáveis são infinitas, comparadas às da estratégia ou da política.”

Ao chegarmos, Dalya e Luttwak se abraçaram. A sala logo se encheu, havia mais de sessenta pessoas. Vieram familiares, amigos e alguns marchands. Luttwak caminhava em círculos, fazendo um comentário sobre cada convidado. “O pai desse homem se diplomou no *gulag* e me ensinou tudo que sei sobre falsificação”, disse a respeito de um deles. “Mas nunca deu em nada.”

Histórias e fatos sem fim fluíam como eletricidade em torno de Luttwak, mas, naquele momento, ele resistia à corrente. Estava em seu modo bem-comportado. A noite era da mulher. Um velho amigo israelense se aproximou. “Como está indo, Edward?”

“Estarei bem, até a paz eclodir.”

[1] Departamento é uma unidade federativa equivalente aos estados no Brasil.

[2] As mortes de ambos, negros e inocentes, foram provocadas pela polícia em julho e agosto de 2014, respectivamente, causando enorme comoção popular.

THOMAS MEANEY

Thomas Meaney, escritor especializado em política internacional, é editor da revista *The Utopian*



RANKING

reportagens

1. esquina
A PRESIDENTE E O CASEIRO
JOÃO MOREIRA SALLES

2. questões afetivo-tecnológicas
SERÁ QUE ELA VAI ESCREVER DE VOLTA? SERÁ QUE NÃO?
AZIZ ANSARI, ERIC KLINENBERG

3. esquina
MENDONCINHA E SUA HORA
JULIA DUAILIBI

4. anais de brasília
O CASEIRO
JOÃO MOREIRA SALLES

5. esquina
O ÚLTIMO APÓSTOLO
CAROL PIRES

blogs

The **niáuí** Herald^{1.}

HELIO BICUDO PROTOGOLA PEDIDO DE EXORCISMO DE JANAÍNA PASCHOAL

OLEGÁRIO RIBAMAR

2. lupa

FORO PRIVILEGIADO: 57 PARLAMENTARES SÃO RÉUS NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

3. lupa

A AGU DEFENDEU FERNANDO COLLOR NO IMPEACHMENT DE 1992?

4. questões da política

O QUE DE FATO DIVIDE OS BRASILEIROS (NÃO É O IMPEACHMENT)

The **niáuí** Herald^{5.}

ENCONTRADO ESCÂNDALO DE CORRUPÇÃO QUE NÃO ENVOLVE EDUARDO CUNHA

OLEGÁRIO RIBAMAR